SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO

ANO XXXVIII
Número 458
31 de Dezembro
1983

Mensário — Órgão oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal

Rua Saraiva de Carvalho, 97 — 1200 LISBOA

Avulso: 20$00

AS SEQUELAS DA CORRUPÇÃO

por Joel Ribeiro

Os jornais têm referido, e o *Diário da República* garante, que vai ser criada uma alta autoridade que vai investigar todos os actos de corrupção e outras fraudes.

O respectivo diploma legal limita ao sector público a acção da nova entidade, julgamos que tomando o termo apenas na acepção que lhe dá o Código Penal, o que se afigura insuficiente, visto que é com frequência denunciada a prática, por outras instâncias e estratos, de actos incluíveis nesta categoria, igualmente de efeitos não menos danosos.

Segundo se depreende de testemunhos que têm sido trazidos até nós, a fraude e a corrupção são, infelizmente, pecados com alguma tradição nos costumes do povo português. Por este motivo, os que se não deixam aliciar pela tentação dessas tortuosas práticas são, na nossa terra, olhados com surpresa ou escárnio, quando não considerados mesmo pacóvios. Ou, no outro extremo, tidos como homens fora do comum e, por isso, alvos de reverente admiração e respeito. Terá sido essa atitude que contribuiu para que gestos de honradez e de fidelidade tivessem merecido foros de notoriedade, que os tornou dignos das galas de destaque nos anais da nossa História, onde são sublinhados entre o acervo de nobres feitos levados a cabo pelos nossos maiores. Estou-me lembrando nomeadamente de Egas Moniz, cuja honradez e fidelidade à palavra dada levou, a ele e aos seus, baraço ao pescoço, a terras de Castela, a afrontar a ira do desfeiteado Afonso VII; e de D. João de Castro, o *Castro forte* dos *Lusíadas*, a empenhar as próprias barbas para prover às despesas com a construção da fortaleza de Diu. Não custa a crer que, no meio do procedimento ardiloso geralmente perfilhado, um acto de pundonor e galhardia ganhasse foros de admiração e celebridade.

Na emergência actual, o reconhecimento da necessidade da criação de uma entidade que vai dedicar a sua atenção a reprimir, a punir e, se possível, a precaver actos de corrupção, vale como confessar que a ocorrência dessas acções faltosas está alcançando níveis de periculosidade preocupantes, às quais é necessário pôr cobro ou, pelo menos, levantar dificuldades. É lícito supor-se que, se este estado de coisas não se tivesse agravado nos últimos tempos, os responsáveis doutros governos há muito se teriam confrontado com o problema e se sentiriam coagidos a encontrar medidas dissuasórias, pois não é aceitável que os actuais responsáveis da governação possuam maior sensibilidade a esta anómala actividade. Daí ser lícito concluir que a corrupção e os actos fraudulentos caracterizam formas de procedimento agora mais comuns do que seria de pensar.

A corrupção tem tendência para se exacerbar em épocas de crise, como aquela que estamos a viver, e possui poder contagiante, visto o mau exemplo ser susceptível de tocar mais facilmente o próximo. Todavia, penso que será justo distinguir entre duas grandes categorias de vectores que levam à prática da corrupção ou da fraude. A vida correntia dá-nos constantemente exemplos das situações em que inevitavelmente as pessoas nela desembocam, traídas pela força de circunstâncias adversas. Ocorrem casos de miséria extrema, de angustiantes carências propícios à queda e ao escorregar para sucessivos estádios de degradação, em que só uma inalterável firmeza e força de ânimo poderiam obstar à subversão da vontade. Quantos não têm naufragado em circunstâncias desta natureza, impelidos por forças a que não puderam responder ou que não tiveram talento para enfrentar?

Há, no entanto, outra categoria de réus deste pecado, constituída pelos que se encontram instigados por ambições sem freio, capazes de toda a casta de atitudes desde que sejam susceptíveis de dar satisfação à insaciável cupidez de que estão possuídos. Para a consecução dos seus desígnios, não atendem a qualquer restrição de ordem moral, nem se sentem travados pelo menor escrúpulo.

A separar estas duas ordens de vítimas da corrupção há talvez a mesma distância que Cristo estabeleceu entre o pecado simples, susceptível de perdão, e o pecado contra o espírito, irremissível. Os que, por frouxidão ou impotência, são levados à corrupção, como Maria Madalena, a que muito amou, devem predispor-nos à indulgência e à compreensão. Mas os que se deixam enredar nos líames da avidez desmedida ou da devassidão, eles próprios se estigmatizam e se tornam em alvos de desprezo, pelo espírito de perversão de que estão possuídos e pelo papel nocivo que desempenham na sociedade.

São, infelizmente, muitos os clamores que, dia após dia, se levantam contra as práticas corruptas, que têm como agentes, por vezes, personalidades altamente cotadas, as quais, por sinal, se defendem, regra quase geral, pouco convincentemente. Ou não se têm mesmo defendido. É de crer que, por estes e outros motivos, a alta autoridade não tenha mãos a medir, apesar da sua acção se resignar apenas aos serviços públicos. Não estamos em situa-

continua na pág. 11

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

OBRIGADO!

Os custos da cobrança postal, que antigamente eram perfeitamente suportáveis pelos pequenos jornais e associações, atingiram níveis proibitivos. Um serviço público, que deveria ser acessível e prestar colaboração a órgãos e instituições dignos de serem ajudados, não hesita em agravar as taxas, desinteressando-se das consequências e ignorando a sua função social.

Esta situação levou-nos a fazer apelo aos nossos estimados assinantes para que nos fizessem remessa do valor de suas assinaturas, poupando-nos os elevados encargos de cobrança. É com muita satisfação que registamos que o nosso apelo teve larga e expressiva adesão. Muitos foram os nossos leitores que nos enviaram a importância das suas assinaturas, muitas vezes inscrevendo-se generosamente como assinantes patrocinadores.

Durante este mês de Dezembro, tivemos o prazer de receber os seguintes pagamentos, que reconhecidamente agradecemos:

ASSINANTES PATROCINADORES

Almirante Daniel D. Silva (1983)	300$00
Paulo Maurício (1984/85)	700$00
António L. Guerreiro (1984)	400$00
José Manuel Pereira (1983)	500$00
Padre Américo F. Alves (1984)	300$00
Fernando Gomes Carrão (1983)	500$00
Justino Estêvão da Silva (1984)	500$00
António F. Xavier de Brito (1984)	500$00
João Henrique Rocha (1984)	1000$00
Amílcar Pinto (1983/84)	1000$00
Joaquim José Alves Saloio (1984)	300$00
Pedro Miguel G. Pereira (1983/84)	600$00
Ten. Manuel C. Fernandes (1983)	300$00
Alexandre R. Gomes (1983)	300$00
Américo da Silva Baptista (1983)	300$00
D. Maria Luísa N. Trigueiros (1984)	400$00
José Luís Pinto Machado (1984)	500$00
Henrique Ernesto M. Alegria (1984)	300$00
José Ferreira Fernandes (1984)	500$00
Claudio Artur P. Merelo (1983/84)	600$00
D. Daniela Sofia P. Eugénio (1983/84)	600$00
Carlos Nuno F.A.J. Pires (1983)	300$00
Daniel Soares dos Santos (1984)	300$00
José Dinis Camacho (1982/83)	500$00

OUTROS ASSINANTES

Fernando A. R. da Rocha (1983)	250$00
João O. P. Valentim (1983)	250$00
Luís Carlos Ferreira (1983)	250$00
Alfredo S. Oliveira (nos 452 a 463)	250$00
D. Ilda Moniz Silva (1983)	250$00
Sebastião G. da Silva (1984)	250$00
João Carlos Lucas Costa (1984)	250$00
D. Florinda d'Almeida R. Nunes (1984)	250$00
Manuel G. Rodrigues Jr. (1983)	250$00
Manuel F. Valério (1984)	250$00
Alfredo A. Costa (1983)	250$00
Aníbal R. Horta (1983/84)	500$00
Joaquim M. Lobato (1983)	250$00
Jorge M. Machado Magalhães (1983)	250$00
Luís Filipe C. Barros (1983/84)	500$00
Fraternal A.E.P. (zona Norte) (1983)	250$00
José Nelson T. Vasconcelos (1983)	250$00
Alfredo José Rodrigues (1983)	250$00
Manuel Parente (1983/84)	500$00
Fraternal dos Antigos E. P. (1983)	250$00
António Joaquim M. Calhau (1983)	250$00
Henrique Alves de Azevedo (1983)	250$00
Manuel J. Coelho Estevens (1983)	250$00
Alberto José Teixeira (1983)	250$00
Gabriel Sousa e Silva (1983)	250$00
Grupo 28 da AEP (1983)	250$00
Grupo 45 da AEP (1983)	250$00
Mário Rui D. Segundo (1983)	250$00
Joaquim M. A. Ferreira (1983/84)	500$00
José Vítor R. da Silva (nos 452 a 463)	250$00
Junta Regional do CNE Porto (1984)	250$00
340º Agrupamento do CNE (1984)	250$00
António José Calçada Loureiro (1984)	250$00
Manuel Augusto L. da Silva (1983)	250$00
D. Maria Luísa Neto Martins (1983)	250$00
Vítor Joaquim A. Martins (1983/84)	500$00
José Mendes dos Santos (1983)	250$00
Rev. Vidal Vieira dos Santos (1983)	250$00
Bernardino do Vale Estêvão (1982)	180$00
Eduardo Joaquim Alves (1982)	180$00
João Manuel Lemos (1982)	180$00
José António da Silva (1982)	180$00
Jaime dos Santos Teixeira (1983/84)	500$00
Levy Augusto Lobato (1983)	250$00
Agrupamento 119 - CNE (1983)	250$00
Ismael Jesus Delgado (1983/84)	500$00
Dr. Leopoldo de Figueiredo (1982)	150$00

N. B. – Pedimos aos estimados Assinantes remetentes destas verbas que considerem este registo como recibo, evitando o despêndio do porte postal.

Naturalmente, apesar desta expressiva boa vontade, nem sempre o nosso pedido foi atendido, embora muitos tenham deixado de o fazer por simples negligência porque até tinham vontade de mandar o seu cheque. Mas os dias passam e essa *boa acção* bem escoteira vai ficando para o dia seguinte, que nunca chega. Temos, por isso, de proceder à cobrança e o único recurso é o serviço postal tão dispendioso quer o recibo seja cobrado quer não.

Pedimos, portanto, a esses nossos prezados assinantes que dêem instruções em suas casas para que os recibos sejam pagos à apresentação. A falta de pagamento causa um prejuízo que vai de 45$00 até Esc. 101$00. Esperamos que nenhum dos nossos amigos quererá causar-nos esta perda inútil.

A importância em cobrança respeitante ao ano de 1983 é de 300$00 (250$00 + 50$00 para despesa).

Mas é indispensável que os nossos amigos, que têm interesse no seu "Sempre Pronto", estabeleçam o princípio de que o pagamento tem de ser feito na Administração. É uma coisa que recomendamos e agradecemos.



SEMPRE PRONTO

Agraciado com o Lis de Prata da Associação dos Escoteiros de Portugal

PROPRIEDADE
Aliança Nacional das ACM de Portugal
Reconhecida de Utilidade Pública

DIRECTOR: Eduardo Ribeiro
DIRECTOR ADJUNTO: Joel Ribeiro
ADMINISTRADOR: J. E. Pena Ribeiro
COLABORADOR: Capitolino Ferreira Macedo
COORDENAÇÃO GRÁFICA: Carlos Martins

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
R. Saraiva de Carvalho, 97 – 1200 Lisboa
Telef. 603734 - 603778 - 603689
Teleg. YMCAPORT – Telex 18539

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO DE 1945
Assinatura anual: Esc.: 250$00
Despesa de cobrança: + 50$00
Espanha e países de África de expressão portuguesa: Esc. 300$00
Outros países: Esc. 450$00



NATAL NO PALHEIRO

– Posso entrar? – implorava o velho Tomás, empurrando custosamente a porta do palheiro onde vivia o seu velho amigo Jerónimo. Quem observasse atentamente o recém chegado notaria certamente que grande preocupação transparecia do seu rosto. Andava com dificuldade, arrimado a um velho bordão. Fechando a porta, veio sentar-se ao lado de Jerónimo.

Durante dois minutos os dois mendigos permaneceram silenciosos. O olhar triste de Jerónimo perdia-se na parede enegrecida do fundo do palheiro, donde pendiam poeirentas teias de aranha. Jerónimo, estranhando o silêncio do seu amigo, contemplava-o curiosamente, como a estudá-lo. Por fim, não conseguindo mais suster a sua impaciência, observou-lhe:

– Estás preocupado, homem?!

Tomás, contudo, parecia nada ter ouvido. Ensimesmado, continuava de cabeça caída, a olhar triste para o chão. Por fim, como se estivesse fazendo uma confissão, monologou:

– Venho pedir-te que me dês abrigo durante uma noite...

Jerónimo lançou ao seu companheiro um olhar de interrogação. Este, compreendendo a admiração do seu amigo, com um sorriso amargurado, explicou-lhe:

– À tarde, quando voltei ao palheiro não o encontrei... As chamas, durante o dia, tinham-no reduzido a escombros...

De facto assim tinha acontecido. Nesse dia, o telheiro onde o Manuel da Bica deixava o Tomás recolher-se, havia sido desfeito por um incêndio, roubando ao pobre velho o único abrigo que o defendia das longas noites desse agreste inverno.

Quando Tomás acabou de dizer, nestas simples palavras, a grande tragédia que lhe sucedera, os dois mendigos sentiam a garganta estremecer de comoção; Jerónimo, apavorado ante o mal que tinha chegado ao seu amigo e que amanhã também o poderia atingir; Tomás, arrepiado, como se as suas palavras tivessem cavado mais profundamente a ferida que retalhava o seu coração. Pobre dele, velho e cansado, sem umas telhas onde se esconder do frio e do vento que, nesse tempo, dominavam as noites naqueles campos!

– Ficarei aqui esta noite, – dizia ele roufenhamente, – e amanhã partirei para onde Deus quiser...

Os dois velhos estavam profundamente emocionados. Durante alguns minutos, o palheiro ficou mergulhado no mais profundo silêncio, nesse silêncio que muitas vezes costuma envolver as grandes tragédias. Tomás e Jerónimo, no seu mutismo, pareciam querer ouvir uma voz que lhes ajudasse a vencer o grande problema que tinham ante si.

– Que aconteceria ao pobre Tomás, – pensava Jerónimo, – se ele o deixasse só, ele que quase não podia andar, tolhido como estava pelo reumático. Alguma noite apareceria caído na faixa de uma estrada, vencido pelo frio e pela fome. Não, não podia deixá-lo ir embora.

De súbito, como tomado de uma resolução firme, exclama com decisão:

– Tomás! eu sou pobre como tu; como tu vivo à mercê do que as mãos generosas vêm depositar junto de nós. Pouco tenho para te dar, mas esse pouco dividi-lo-ei contigo. Aqui o tens!

Dizendo isto, levantou-se e foi buscar uns nacos de pão que lhe haviam dado nesse dia.

– Hoje é noite de Natal, – disse ele sorrindo para Tomás. – Lá em minha casa, quando eu era pequeno, esta noite era sempre de festa e alegria. Havia brinquedos, doces e eu com os meus amigos cantávamos até quando a noite ia já alta. Belos tempos! Depois tudo mudou. Mas ainda gosto de comemorar esta noite, cá à minha maneira...

Tomás seguia atentamente as palavras do seu amigo. Não pôde, porém, evitar um gesto de recusa quando este lhe apresentou os bocados de pão com que queria presenteá-lo.

– Jerónimo, – disse ele – agradeço-te toda a tua bondade. Contudo, eu nada mais desejo que passar aqui esta noite, abrigado, aí para um canto. Depois, amanhã, abalarei...

Jerónimo a princípio ficou perplexo com a atitude de Tomás. Depois, sentando-se junto dele, disse-lhe com brandura:

– Nos meus tempos de criança era costume dar-se, nesta noite, qualquer coisita aos pobres. Dizia-se que Jesus havia ensinado a todos a prática do bem. Por isso, tens de aceitar estas migalhas. Aqui tens o pão. O Rufino deu-me esta linguiça que nos vai saber que nem ginjas. Depois temos ainda aqui uma maçã. É bastante grande, chega para os dois...

Tomás não pôde recusar. Com um gesto de agradecimento recebe em suas mãos a pequena ceia que o Jerónimo lhe destinava.

– Está bem, – dizia ele, – aceito a oferta, para comemorarmos, como tu dizes, a noite de Natal, mas amanhã já não te incomodarei, vou-me embora...

–Vais-te embora? – perguntou o Jerónimo com voz autoritária. – Não sairás daqui sem teres qualquer buraco onde te possas abrigar. Isto chega para os dois. Demais, recolher-te uma noite, para amanhã deixar-te morrer ao frio, por esses caminhos, de nada serviria... Vá, vamos comer enquanto há uma réstea de luz...

E os dois mendigos iniciaram a modesta ceia de Natal. Aquelas migalhas que carinhosamente almas generosas lhe tinham oferecido, pareciam aos dois pobres o mais faustoso banquete...

* * *

Era noite. Quem espreitasse para dentro do palheiro, veria os dois mendigos estendidos na palha que só a um se destinava, dormitarem em doce tranquilidade, que o frio vinha, de vez em quando, interromper, fazendo-os estremecer, gelados.

Veria, também, pelo tecto descer, dum sítio donde o vento há muito levara algumas telhas, um raiozinho de intenso luar, que vinha sobre os dois mendigos. Dos seus capotes coçados erguia-se então um reflexo de luz, descerrando um pouco as trevas do pardieiro. Esse reflexo mais parecia aquela estrela que outrora havia brilhado no céu, anunciando o caminho para o Bom Jesus, o qual nessa noite nascera em Betlém...

Joel Ribeiro

O ESCOTISMO NA CAPITAL



GRUPO Nº 94

UMA FESTA DO CLÃ BADEN-POWELL PARA ANGARIAÇÃO DE FUNDOS

O Grupo 94 está prestes a entrar num período que é naturalmente considerado histórico, visto que vai completar, em meados do próximo ano, meio século de existência. A fim de que a data venha a ser comemorada com a dignidade que merece, os rapazes do 94 estão fazendo os preparativos para conseguirem os meios suficientes para custear as despesas que terão de ser feitas com as iniciativas que serão levadas a efeito. Com esse objectivo, os elementos do Clã realizaram uma festa para angariarem alguns dos fundos que tão necessários vão ser. Assim, no dia 1 de Dezembro, nas instalações da Associação de Protecção à Infância da Ajuda, gentilmente postas à sua disposição, realizaram a sua Festa do Clã.

Nas várias salas e no logradouro daquela casa, os escoteiros montaram uma exposição de material de montanhismo, uma quermesse, um bar e vários jogos. Outra sala serviu para nela se montar uma exposição de modelos de aviões e para ser feita a projecção de diapositivos e de filmes, bem como a cerimónia de encerramento. Os visitantes tiveram a oportunidade de assistir à projecção de filmes sobre alpinismo, uma actividade a que esta unidade se tem dedicado nos últimos tempos. A seguir, foram passados diapositivos acerca de várias actividades do Grupo, de uma reportagem sobre uma visita ao chalé escotista de Kandersteg, na Suíça, do escoteiro-chefe do Clã Alberto Teixeira, e de imagens acerca de provas de montanhismo, levadas a efeito pelos elementos do Grupo na serra da Arrábida, tudo muito bem comentado por aquele dirigente do Clã.

A parte final desta festa foi ocupada com a distribuição de prémios dos jogos florais que o Grupo promoveu, com que foram contemplados os escoteiros Alberto Teixeira, em fotografia, e João Peten, em desenho.

No meio de canções e de gritos escotistas, ou seja um improvisado fogo de conselho, decorreu a cerimónia da entrega da insígnia da 1ª classe à escoteira Ana Cristina Napoleão Inácio e da sua passagem para o Clã.

E com este significativo acto, em que estiveram presentes diversos dirigentes escotistas e escoteiros de vários grupos da AEP e de agrupamentos do CNE, terminou a singela actividade.

INAUGURADO O GRUPO Nº 83 PARA CONTINUAR O ANTIGO E TRADICIONAL GRUPO Nº 53

O antigo Grupo nº 53, de Lisboa, comemorava em 1 de Dezembro último o 50º aniversário da sua fundação. A data foi assinalada da melhor maneira. Depois de muito esforço de uma Comissão constituída pelos antigos escoteiros Adelino Cunha, José Cândido de Jesus Rana, José Ferreira, José Rafael Baudouin e Rui Cunha, foi reorganizado o antigo com o nº 83, já que o "53" foi entretanto dado a uma unidade que tem sede em Real, Braga, e que por sinal tem sabido honrar o número recebido.

Os antigos escoteiros, com notável dedicação, procederam a obras em dependências do edifício, que se encontravam degradadas e entulhadas, e conseguiram preparar a sede para o "83". Estas salas, pelas suas características um tanto rudes, adaptam-se perfeitamente a uma sede (toca) de escoteiros.

A INAUGURAÇÃO OFICIAL

Na tarde de 1 de Dezembro, no templo da Igreja Lusitana, na Rua das Janelas Verdes, realizou-se um culto de acção de graças pela obra do antigo Grupo nº 53. À entrada no templo, os pastores anunciaram a celebração, sendo o acto presidido pelo rev. dr. Nelson Horta, antigo escoteiro-chefe do Grupo, coadjuvado pelos rev. José Carlos Gonçalves e Horácio Reis.

José Ferreira e Adelino Cunha leram passagens da Escritura e um antigo escoteiro chileno, invisual, Carlos Araya Severino, interpretou alguns cânticos. O pastor José Gonçalves fez a parénese, evocando a obra do antigo "53", o trabalho realizado pela equipa reorganizadora e finalmente falou sobre a juventude à luz do Evangelho.

A cerimónia terminou com a celebração da eucaristia.

A SESSÃO SOLENE

Este acto foi presidido pelo rev. dr. Nelson Horta, que convidou para a mesa J.E. Pena Ribeiro, presidente da A.E.P.; Miguel Martins, chefe regional da Estremadura; Óscar Esteves, representante da paróquia; D. Júlia Ribeiro, em representação das antigas Guias; José Rafael Baudouin, presidente da Fraternal, e Eduardo Ribeiro, deste jornal.

O presidente saudou todos os presentes e preveniu que embora a sessão se designasse por solene, desejaria ver o sorriso no rosto dos presentes, como é natural entre escoteiros, afirmando que formulava votos para o actual "83" pudesse seguir a senda do antigo "53".

Leu depois a primeira acta da direcção do "83", na qual se designam os membros da mesma, a que preside, e os novos dirigentes E.C. Vítor José Vilaça Pinto e Artur Fernando Sousa, chefe e subchefe, respectivamente. A mesma acta regista um louvor aos membros da comissão reorganizadora e, particularmente, a suas esposas, que foram dedicadas colaboradoras de tantos sábados, apoiando os trabalhos de reconstrução daquelas salas.

Discursaram depois, e saudaram o novo grupo, os srs. J.E. Pena Ribeiro, Miguel Martins, e José Baudouin, tendo este lido uma mensagem do Escoteiro-Chefe Nacional, que se encontrava ausente de Lisboa.

Foi prestada homenagem aos antigos chefes do Grupo nº 53. Dos já falecidos, David Baudouin e Armando Lino, estavam presentes suas viúvas, as sras. D. Maria José Baudouin e D. Virtude Pires Lino, a quem foram entregues ramos de flores. João Pedro de Figueiredo e Henrique Alves de Azevedo, estavam presentes, e receberam como homenagem o lenço adoptado pelo "83".

Foi também citado o dr. Leopoldo de Figueiredo, que desde sempre foi um sólido apoio do grupo de escoteiros. O dr. Nelson agradeceu ainda ao chefe Alves a sua presença e a sua disponibilidade para dispensar a colaboração do Grupo 8, que dirige, para estimular a actividade da unidade agora inaugurada.

O nosso director usou também da palavra para dizer que ia ter um pensamento de discordância do que se tinha ali dito. Via toda a gente muito pesarosa pela perda do

SABER E COOPERAR

SOLUÇÃO DO QUESTIONÁRIO Nº 8

1 – *Latitude* de um lugar: distância medida em graus de circunferência (ou ângulo) do arco do meridiano, que vai desse ponto ao equador.
Longitude de um lugar: distância medida com as mesmas unidades acima, sobre o arco do paralelo, que vai desse ponto ao Meridiano de referência. (Ver manual "Mais Além", pág. 149).
2 – O aparelho que mede a velocidade do vento designa-se por ANEMÓMETRO.
3 – A Conferência Internacional de Escotismo, que se realizou em Lisboa, reuniu de 10 a 25 de Setembro de 1967!

CLASSIFICAÇÃO FINAL

	Pontos
Patrulha Lince – Grupo nº 80 – Ponta Delgada	115
Joaquim Tavares de Oliveira – Lisboa	100
Joaquim Santana Nunes – Palmela	90
António Onofre Soares – Ponta Delgada	85
Manuel Costa Oliveira – Cacém	50

PRÉMIOS

1º – Patrulha Lince – 1 máquina fotográfica "Instant Camera"
2º – J. Tavares Oliveira – 1 exemplar da obra "Viagens sem Fronteiras "edição das Selecções do Redear's Digest.
3º – António O. Soares – 1 exemplar da "História dos Escoteiros de Portugal".
4º – Joaquim S. Nunes – Idem.
5º – Manuel Costa Oliveira – Idem.

Felicitamos os concorrentes premiados neste concurso e agradecemos.
Os prémios ficam à disposição dos contemplados na nossa Redacção.

número "53", mas que realmente isso não tinha grande significado. O Grupo ali esva com os seus "antigos" com o mesmo espírito, honrado nas suas tradições, portanto, o número do grupo tinha apenas crescido, passara de 53 a 83, e isso seria apenas o símbolo do maior crescimento que a unidade iria ter em actividade e obra escoteira.

O chefe Vilaça fez a apresentação dos nove aspirantes do grupo, rapazinhos risonhos e cheios de esperança, que são uma promessa de bons escoteiros.

Da comissão reorganizadora falou ainda José Ferreira para dizer que toda a gente elogiava o trabalho por eles feito, voluntariamente e sem qualquer pagamento. Estavam errados. Tinham sido muito bem pagos: em notas de cinco mil amizades – em amor, palavras que sensibilizaram a comissão e a assistência.

Na sala encontravam-se muitos antigos-escoteiros do "53" e doutros grupos, amigos do Escotismo, e o escoteiro-chefe regional da Madeira, Alberto de Castro.

A terminar foi servido um agradável lanche a todos os presentes.



UM NOVO LIVRO ESCOTISTA

A bibliografia escotista, ainda há pouco mais de um ano enriquecida com a "História dos Escoteiros de Portugal", da autoria do director deste jornal, acaba de ser completada com outra valiosa obra, "Fogo de Conselho", que se deve à muita dedicação do escoteiro-chefe Armando Garcia Inácio, antigo colaborador de "Sempre Pronto".

Para assinalar o importante acontecimento, a Fraternal promoveu uma sessão de convívio na sua sede, na tarde do dia 10 do corrente mês de Dezembro.

Grande número de companheiros acorreu a esta chamada, e encheu a grande sala da Rua de S. Paulo, aproveitando para comemorar o faustoso acontecimento e dar um merecido parabém ao autor do útil volume.

O presidente da Direcção, José Rafael Baudouin, referiu-se ao acontecimento, dizendo que a edição deste livro tem um profundo significado em termos de companheirismo, pois se trata de um livro de real valor e que vem contribuir em muito para que os fogos do conselho ganhem maior interesse, enriquecendo o Escotismo numa das suas actividades de maior interesse para os escoteiros.

Em seguida, tomou o uso da palavra o EC Mariano Garcia Inácio, da direcção do Grupo 94, que referiu que, com a edição deste livro, tinham sido iniciadas as comemorações das bodas de ouro do Grupo 94. Agradeceu não só aos companheiros a colaboração dada ao autor desta obra, mas também à Fraternal. Continuando nas suas considerações, Mariano Inácio lembrou que, há alguns meses, tinha sido editado outro livro escotista, a "História dos Escoteiros de Portugal", também escrito por um escoteiro do Grupo 94. Considerou esta obra também de muito interesse para o nosso movimento, lamentando embora certas lacunas que, em seu entender, essa publicação tem, o que se deve, disse, não à falta de conhecimento do seu autor, que considerou uma das pessoas mais bem informadas nesse domínio.

O escoteiro-chefe do Grupo, Rui Macedo, também fez considerações sobre o acontecimento, após o que foi a vez de Armando Inácio agradecer as palavras de apreço que lhe tinham sido dirigidas. Deu conhecimento que a ideia de escrever este

continua na pág. 11

Página do Escoteiro



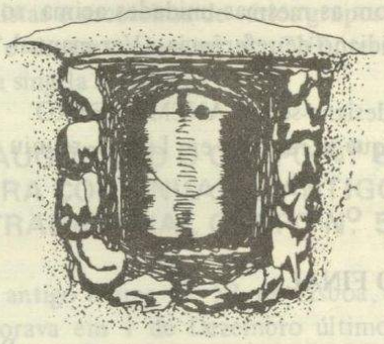
A COZINHA NO ACAMPAMENTO

Telefona-nos um antigo escoteiro, surpreendido e confuso, porque um seu jovem amigo, que ele próprio encaminhara para um grupo de escoteiros, tendo sido convocado para um acampamento, era portador de uma lista de coisas a levar consigo de onde constava *carne assada e frango grelhado*. O antigo escoteiro, quase escandalizado, dizia que não podia ser, a carne e o frango seriam para cozinhar no campo. Tivemos de o tranquilizar e de lhe lembrar que *mudam os tempos, mudam as vontades*.

Embora seja de admitir que uma vez por outra, para facilitar qualquer actividade, se lance mão de semelhantes recursos, é muito lamentável que esteja sendo abandonado o saudável hábito da cozinha no acampamento, mas feita por patrulhas. Esta é uma actividade que os rapazes apreciam e contribui eficazmente para a coesão dessa tão importante unidade que é a patrulha. E, feita desta forma, é muito fácil a cozinha no acampamento. O programa é preparado antecipadamente, no conselho de patrulha, onde são designados *o cozinheiro*, *o fogueiro* e *o bicho de cozinha*, que podem ser alterados em cada refeição. Bicho de cozinha, para os que não saibam, é o auxiliar, o aprendiz de cozinheiro.

Os restantes quatro ou cinco membros da patrulha ficam livres para as outras actividades, enquanto estes três se sentem felizes na sua missão. Alguns deles irão tomar gosto pelo *ofício* e conservar-se-ão cozinheiros amadores para os dias de festa familiar.

Os escoteiros já conhecem as técnicas para montar as fogueiras ou fornalhas. Colocada a cantina ao lume, logo que a comida esteja a ferver, poder-se-á proceder como aconselha B.P. Retira-se do lume e muda-se para uma caixa designada por marmita norueguesa. Trata-se de uma caixa forrada de feno, onde se mete a cantina envolvida em papéis, mesmo de jornal, tudo muito bem apertado. Aplica-se a tampa da mesma forma. Este sistema também pode ser usado abrindo um buraco no solo e procedendo da mesma forma. *(Vide "Sempre Pronto" nº 424/Janº 1981)*



Como já levantou fervura, a comida abafada nesta "caixa" acaba de cozer e pode ser servida duas horas depois, ou mais, mantendo-se quente. Feito este trabalho, a equipa de cozinha fica disponível para participar nas actividades gerais.

A cozinha colectiva feita para todo o grupo ou para maiores contingentes não é norma escoteira. É sistema militar e uma reminiscência de outras organizações de mocidade, que não tinham preocupação de formar e desenvolver a iniciativa individual, já que visavam a formação de massas.

O *sistema de patrulhas* – a única forma de fazer escotismo – procura manter em todas as circunstâncias esta unidade escoteira de seis a oito rapazes, que se basta a si própria e resolve as suas dificuldades. O acampamento escoteiro é uma aventura. Dormir debaixo da tenda, acordar mal rompe o sol, fazer ginástica, cozinhar, são partes de uma actividade alegre que culmina com a refeição tomada em conjunto pela patrulha no seu próprio acampamento. Se alguém vier substituir o escoteiro a armar a tenda, a montar o acampamento, a fazer a comida, a actividade perdeu todo o seu interesse.

Acresce ainda que a cozinha por patrulhas é a única maneira prática de cozinhar os alimentos sem grande dificuldade. A comida feita para todo o grupo ou contingente constitui um sacrifício para as vítimas chamadas a cozinhar e dá lugar a reclamações sobre a qualidade da alimentação. Até nos grandes Jamboris escoteiros o sistema de patrulhas é sempre mantido, embora os víveres possam ser fornecidos por um serviço colectivo.

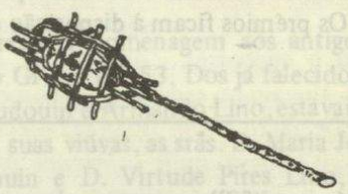
Mas B.P. vai mais longe. Sugere que os escoteiros quando realizem exercícios dispensem os utensílios de cozinha, que só embaraçam as deslocações, e se sirvam das habilidades de campistas para cozinhar. Bastará a marmita individual. O resto, é arte escoteira. Mas ouçamos o Fundador:

MANEIRA DE COZINHAR CARNE

"Para assar carne espeta-se esta na ponta de paus aguçados e coloca-se sobre o lume. A tampa de uma lata de bolacha, que se unta com gordura para que a carne se não pegue ao fundo, pode também servir de frigideira.

"Também pode cortar-se a carne em tiras de cerca de meia polegada ou três quartos de grossura que se dividem em bocadinhos de polegada ou polegada e meia de comprimento. Atam-se alguns desses pedaços a um pau ou a um espeto de ferro que se crava em frente do lume ou se suspende sobre as brasas durante alguns minutos, até que a carne esteja assada.

"Também se pode envolver a carne em folhas de papel molhado, ou numa capa de barro, e pô-la nas brasas a assar".



Um grelhador improvisado.

"**Guisado à caçador** – Corta-se a carne em cubos de polegada ou polegada e meia de lado. Mistura-se um pouco de farinha, sal e pimenta e fricciona-se bem a carne com a mistura. Aloura-se no tacho com pouca gordura, movendo-se o tacho de maneira a torrar, sem queimar, o exterior da carne. Acrescenta-se-lhe água limpa e suspende-se o tacho por cima do lume. É importante que a água não ferva muito, mas apenas referva. Depois junta-se-lhe hortaliça picada: batatas, cenouras e cebolas. A água deve apenas cobrir os sólidos – nada mais. Ferva até cozer".

MODO DE COZINHAR AVES E PEIXE

"As aves e peixe podem cozinhar-se da mesma maneira. Uma ave depena-se muito facilmente logo depois de morta. Mas não é preciso depená-la assando-a em barro, pois as penas ficarão presas ao barro, quando este cozer, e, quebrando-o, a ave sairá assada e depenada como a noz sai da casca.

"Outro processo é limpar bem o interior da ave, introduzir-lhe uma pedra das mesmas dimensões previamente aquecida ao rubro e colocá-la ao lume sobre uma grelha ou num espeto de pau".

FABRICO DE PÃO

"Na vida do campo é preciso saber três coisas: fazer pão e cozinhar favas e toucinho.

"Para se fazer pão, bolos de farinha ou pão ázimo nas brasas é costume misturar



farinha com uma ou duas pitadas de sal e de pó de fermento, junta-se em monte e faz-se-lhe no meio uma covinha que se enche de água. Amassa-se muito bem até formar bolo. Polvilham-se as mãos com farinha, para que se lhes não pegue a massa, e bate-se esta para lhe dar a forma de um pão grande ou de vários pães pequenos.

"Depois põe-se a cozer numa grelha sobre as brasas, ou no chão a um canto do lume, previamente varrido, onde se aconchega com borralho.

"Este processo é próprio para pães de pequeno formato".

Pão de tacho

"Eis outro processo excelente:

"Faz-se uma massa um tanto consistente com os ingredientes seguintes: Uma chávena de farinha, uma pitada de sal, uma colher de açúcar e uma colherinha de pó de fermento. Aquece-se uma frigideira e unta-se bem, deita-se-lhe a massa dentro e coloca-se ao lume. Dentro de alguns minutos a massa cresce e enrijece. Põe-se então a frigideira de lado até ficar quase vertical em frente do lume, e coze-se assim um dos lados da torta. Depois vira-se e coze-se do outro lado. Para ver se está bem cozido espeta-se-lhe um palito. Se este sair sem aderências de massa, o pão está perfeitamente cozido".

"Rolo"

"Há outro processo que consiste em cortar uma vara forte, afiá-la na ponta, descascá-la e aquecê-la no lume. Faz-se uma grande tira de massa com duas polegadas de largura e meia de grossura, que se enrola em espiral pela vara abaixo. Coloca-se a vara junto do lume e deixa-se cozer a massa, dando de quando em quando uma volta à vara".

Forno de cozer

"Querendo-se pão autêntico, requere-se um forno qualquer, que pode ser ou um velho cântaro de barro ou uma caixa de lata, que se põe no lume e cobre de brasas. Ou faz-se um forno de barro acendendo-se lume dentro e, quando estiver bem aquecido, rapa-se o lume para fora, mete-se a massa dentro, e fecha-se hermeticamente a porta até que o pão esteja cozido".

Naturalmente que estes recursos apontados pelo Fundador destinam-se sobretudo às actividades de campo mais movimentadas, como jogos, exercícios, excursões, "raids". São uma forma excelente para pôr à prova a capacidade do escoteiro e do caminheiro para se desembaraçar das dificuldades e constituem um treino precioso para a vida. Habituam o jovem a resolver os seus problemas e a bastar-se a si próprio.



COMISSÃO NACIONAL DE FILATELIA

Em 9 de Dezembro findo, reuniu na sede central dos Escoteiros de Portugal esta Comissão com a presença dos seus membros srs. Fernando Gomes Carrão, José Manuel Pereira e Justino de Oliveira e Silva. Participaram nos trabalhos os srs. Justino Estêvão da Silva e Eduardo Ribeiro, este em representação da direcção da AEP.

Estudado o programa de trabalho que a Comissão vai desenvolver, foi resolvido encetar diligências para alargar a Comissão com filatelistas escoteiros do Norte do país, se possível das regiões do Douro Litoral e Minho.

Vão ser também desenvolvidas actividades para realizar em Setembro próximo uma Mostra Filatélica, comemorando o 71.º aniversário da AEP, projectando-se já para 1988 uma grande exposição filatélica, com nível internacional, para comemorar o 75.º aniversário.

★

SOBRESCRITOS COMEMORATIVOS

O Grupo n.º 30 de Escoteiros de Portugal, com sede na Figueira da Foz, editou sobrescritos comemorativos do 70.º aniversário da AEP, que tem à venda ao preço de Esc. – 20$00.

Os pedidos devem ser feitos para aquele Grupo, na Rua da Praia da Fonte, n.º 3 A, 3080 Figueira da Foz.

B.-P. FALA AOS GUIAS DE PATRULHA

Quero que vós, Guias de Patrulha, instruais as vossas patrulhas inteiramente por vossa iniciativa, porque vos é possível conquistar cada um dos rapazes da patrulha e fazer dele um homem bom. De nada serve terdes um ou dois rapazes excelentes, se o resto não prestar para nada. Deveis procurar torná-los a todos razoavelmente bons.

O meio mais eficaz para conseguir isso é o vosso próprio exemplo, porque, o que vós mesmo fizerdes, os vossos escoteiros farão também.

Mostrai-lhes que sabeis cumprir ordens, quer vos sejam dadas verbalmente, quer sejam impressas ou escritas, e que as executais, quer o vosso chefe esteja presente quer não. Mostrai-lhes que podeis alcançar distintivos de especialidades, e os vossos rapazes irão atrás de vós sem precisardes de convencê-los. Mas lembrai-vos de que haveis de guiá-los e não empurrá-los.

B. – P.

TOMARAM POSSE OS NOVOS CORPOS DIRECTIVOS



Ao fim da tarde de 19 de Dezembro, realizou-se na sede da Associação dos Escoteiros de Portugal o acto de posse dos novos dirigentes eleitos pela Conferência Nacional de 5 e 6 de Novembro passado. Presidiu o almirante António Tengarrinha Pires, presidente cessante daquela conferência e encontravam-se presentes, além dos directores a empossar, muitos escoteiros-chefes e outros dirigentes associativos.

O almirante Tengarrinha Pires começou por afirmar a sua satisfação pela oportunidade de dar posse aos novos chefes dos três órgãos dirigentes da Associação. E esclareceu que a sua satisfação provinha da garantia de que vão desempenhar com brilho os seus cargos.

Referindo-se ao eng. Nobre Santos, disse que com esta eleição vinha coroar cinquenta anos de Escotismo. "Acho extraordinária a dedicação deste nosso ilustre companheiro, com sacrifício pessoal, e não só pessoal meramente, mas familiar e outros, com incompreensões, mas sempre bem disposto, *sempre pronto*. Esta eleição, se não tivesse outro mérito, terá este: levá-lo a ocupar todos os lugares, a todos os níveis da Associação. Fica muito bem no lugar que agora deixo".

E mais adiante: "Vai o chefe José Rafael Baudouin tomar a presidência da Direcção. Além das qualidades naturais que todos lhe reconhecem, vem com o prestígio que lhe é dado pelo dinamismo posto na Fraternal, porque conseguiu em muito pouco tempo reavivar a actividade daquela subassociação, sempre difícil por várias circunstâncias. Por muito esforço que se fizesse, dificilmente se obteria um presidente da direcção com as qualificações do chefe Baudouin".

"Finalmente, o sr. escoteiro-chefe nacional vem de presidente da direcção e durante dois anos mostrou entusiasmo, poder de organização, que lhe vão ser essenciais para o desempenho do cargo da chefia nacional e para o Movimento em si. Porque a chefia nacional é, por assim dizer, a coluna dorsal do Movimento. Se não tiver energias, ideias e não mostrar interesse dificilmente o Movimento poderá avançar eficazmente e audazmente".

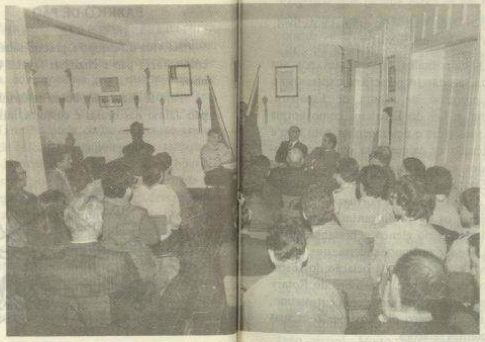
O orador terminou a sua mensagem expressando o seu agradecimento pelas gentilezas de que foi alvo, culminadas pela proposta da direcção e da chefia para que lhe fosse atribuído o mais alto galardão associativo, proposta que teve o acordo unânime da última conferência nacional. E comentou: "Considero-me impermeável a honrarias, mas o facto é que não podia deixar de ficar sensibilizado com a proposta da direcção e da chefia, que teve a aprovação de toda a Conferência".

Tengarrinha Pires disse ainda que levava gratas recordações da conferência nacional e dos conselhos permanentes, que decorreram com entusiasmo e muito interesse, fazendo votos para que assim continuassem.

Depois de lido o auto de posse, este foi assinado pelos srs. eng. Nobre Santos, José Rafael Baudouin e J. E. Pena Ribeiro, como presidentes da Conferência Nacional, da Direcção, e Escoteiro-Chefe Nacional, respectivamente, auto que foi também subscrito por muitos dos presentes.

É GRATO VERIFICAR QUE PODEMOS VER HOJE AQUI REUNIDA UMA BOA DEZENA DE NOVOS ELEMENTOS E ISSO É EXACTAMENTE UM BOM SINAL – disse o eng. Nobre Santos

O eng. Nobre Santos tomou a palavra e afirmou que, no momento em que deixava a chefia nacional e assumia a presidência da Conferência Nacional, verificava um aspecto "que julgo relativamente importante e que nos deve congratular a todos nós. É exactamente esta cerimónia". E explicou que a presença de gente nova era um índice de que a vida da Associação estava decorrendo tão regular quanto possível. Lembrou que houve períodos em em que a passagem do testemunho decorreu em momentos em que a vida da Associação não era tão fácil como agora. Isto é motivo para nos congratularmos porque mercê de uma actividade que vinha a ser desenvolvida, mais concretamente realizada, com mais dificuldade menos dificuldade, é grato verificar que podemos ver hoje aqui reunida uma boa dezena de novos elementos e isso é exactamente um bom sinal, sinal de que a Associação vai atraindo gente nova, vai pondo sangue novo, ideias novas, ao seu serviço. É esse sangue novo e gente nova que é importante porque assegura a continuidade e vem dar nova vida e novas características ao trabalho.



Durante o acto de posse, no momento em que falava o eng. Nobre Santos.

O eng. Nobre Santos terminou fazendo votos de que estes novos colaboradores, dos Serviços Centrais, possam realizar todo o trabalho que desejam e têm em mente. E estou convencido de que sob a orientação do novo presidente e do novo chefe nacional, que todos conhecem e sabem das suas capacidades, será possível concretizar estes novos desejos.

É PARA A JUVENTUDE QUE TRABALHAMOS E É A FAVOR DELA QUE TEMOS DE DAR O NOSSO ESFORÇO – afirmou o novo Presidente da Direcção

José Rafael Baudouin agradeceu as palavras amáveis que lhe foram dirigidas e disse que, sem falsa modéstia, devia dizer que a obra realizada na Fraternal era fruto de uma equipa que com ele colaborava. Lamentou a saída dos órgãos directivos do sr. almirante Tengarrinha Pires, dirigente que nos habituámos a ver neste difícil cargo, onde deixou um rasto de simpatia e competência. Saudou o novo presidente da Conferência Nacional e disse que queria também saudar o novo chefe nacional, a quem dirigiu palavras de simpatia e afirmou que lhe iria dar toda a colaboração para que pudesse continuar o trabalho já promovido nos últimos dois anos. A chefia nacional e os seus adjuntos podem contar com todo o meu apoio, e de toda a direcção da AEP.

Não nos podemos esquecer que temos uma grande responsabilidade em cima de nós – disse Baudouin – é que trabalhar para a juventude é muito complicado. Mais complicado do que muita gente julga. É para a juventude que trabalhamos e é a favor dela que temos de dar todo o nosso esforço. E como é uma coisa muito complexa, temos realmente de recorrer a toda a nossa inteligência e ao nosso melhor esforço para que não falhemos na nossa missão.

Terminou declarando que ia empregar todo o seu esforço para que a direcção realize tudo aquilo para que está vocacionada. "Quanto ao resto, já não são palavras, terão de ser actos". Um abraço para todos aqueles que servem o Escotismo em todo o nosso território. É bom que sintam que a nova Direcção da AEP está com eles por muito longe que estejam. Porque todos eles, dentro da sua missão e dentro das suas funções, sejam estas mais ou menos modestas, têm com certeza o nosso agradecimento".

OS ELEMENTOS DA CHEFIA NACIONAL QUE TOMAM POSSE E AQUELES QUE VÃO SER DESIGNADOS EM BOLETIM OFICIAL ESTARÃO À DISPOSIÇÃO DA DIRECÇÃO PARA FORMAR UMA EQUIPA COESA – declarou o Escoteiro-Chefe Nacional

Pena Ribeiro, agora chefe nacional, tomou a palavra para dizer que de facto o cargo de escoteiro-chefe nacional é mais de acção do que de palavras e que esperava poder concretizar todas as aspirações e programas, cujas bases já estão a ser estudadas há alguns meses. No entanto, era com muita tristeza que via sair o presidente cessante da conferência nacional, almirante Tengarrinha Pires, de quem recebi todo o apoio no desempenho das minhas anteriores funções.

Gostaria também de expressar – disse Pena Ribeiro – satisfação por ver que esse lugar passa a ser ocupado por um homem que até agora tem dedicado muito ao Escotismo. E mais adiante: Gostaria igualmente de dizer ao novo presidente da Direcção, que nós vamos fazer uma equipa. Na realidade ele é o guia da patrulha e se quiserem eu serei o subguia da patrulha. O presidente da Direcção Nacional é o responsável executivo da Associação. Por conseguinte, o importante é que entre os responsáveis da Direcção e da Che-

continua na pág. seguinte



DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

continuação da pág. anterior

fia haja uma colaboração e uma afectividade de muito grande, de forma a que possamos levar a bom termo as nossas pretensões para os próximos três anos. Sei que o trabalho que nos espera é um trabalho árduo e importante, em que se necessita de fazer muita coisa com profundidade. Não vou agora esgotar o assunto e dizer quais são as linhas programáticas da chefia nacional, porque já foram explicadas sucintamente na conferência nacional.

Posso informar o presidente da Direcção Nacional de que todos os elementos da Chefia Nacional que neste momento tomam posse e aqueles que vão ser designados em boletim oficial estarão à disposição da Direcção para formarmos uma equipa coesa para cumprir os objectivos da nossa Associação.

Procedeu-se depois à leitura do auto de posse dos membros da Direcção e da Chefia Nacional e os seus adjuntos, que foi lido pelo secretário-geral adjunto Carlos Conde.

O acto decorreu com muito entusiasmo, mas, no momento em que o E.C. Vítor Santos subscreveu o auto de posse como escoteiro-chefe nacional adjunto para Programas e Actividades, uma salva de palmas manifestou a satisfação dos presentes, o que é sempre agradável de verificar.

A encerrar o eng. Nobre Santos dirigiu palavras de estímulo e saudação aos empossados, afirmando a sua convicção no futuro dos Escoteiros de Portugal.

São os seguintes os novos cargos:

DIRECÇÃO NACIONAL

Presidente
José Rafael Baudouin

Secretário Nacional
Dr. João Raul Vieira Medeiros

Director dos Serviços Centrais
Eduardo Ribeiro

Secretário das Relações Internacionais
Eng. Miguel da Silva Martins

Director de Relações Públicas
Eng. João Faustino Bandeira

Tesoureiro Nacional Adjunto
José Reinaldo Soares Pinto

Director Adjunto Divulgação e Cultura
Joel Ribeiro

Director Adjunto para o Jambori do Ar
Justino Oliveira e Silva

Director Adj. para Activid. Promocionais
Alfredo Rodrigues



O Escoteiro-Chefe Nacional afirma: "Vamos formar uma equipa coesa".

CHEFIA NACIONAL

Escoteiro-chefe Nacional
José Eduardo Pena Ribeiro

Escoteiro-chefe Nac. Adj. – Zona Norte
Arnaldo Eduardo Couto

Escoteiro-chefe Nac. Adj. – Zona Centro
João Constantino

Escoteiro-chefe Nac. Adj. – Zona Sul
Alfredo Bandeira Rodrigues

Escoteiro-chefe Nac. Adj. – Região Autónoma dos Açores
Prof. Leopoldino Tavares

Escoteiro-chefe Nac. Adj. – Região Autónoma da Madeira
José Alberto F. Castro

Esc.-ch. Nac. Adj. – Formação e Métodos
Arq. Rui Horácio F. Macedo

Escoteiro-chefe Nac. Adj. Expansão
Gabriel Emídio Sousa e Silva

Esc.-ch. Nac. Adj. – Programas e Activid.
Vítor Manuel Santos

Os empossados prometeram por sua honra, aceitar os princípios expressos no Compromisso de Honra de Escoteiro; aceitar a Lei do Escoteiro como norma das suas vidas e desempenhar com zelo e dedicação os cargos para que foram nomeados e, pelo exemplo, fazer cumprir os Estatutos e Regulamentos da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Entre os novos dirigentes, justo é que se destaque no elenco a presença do sr. eng. João Faustino Bandeira, que ingressa por este acto na Associação dos Escoteiros de Portugal. É membro do Rotary e apresenta-se para servir com entusiasmo, pondo ao serviço do Movimento as suas excelentes relações.



A sessão terminou com a canção "É lá!" entoada por todos.

AS SEQUELAS DA CORRUPÇÃO

continuação da pág. 1

ção que se assemelhe, pensamos, à das bíblicas Sodoma e Gomorra, que caíram sob a alçada divina, por causa da devassidão que lá grassava. Mas não será ousadia pensar que não serão poucos os que, amanhã, como a mulher de Loth, hão-de olhar para trás, saudosos dos tempos de antanho...

Não me proponho a ser juiz em questões desta natureza, mas isso não me impede de opinar que, como à mulher de César, é indispensável que o procedimento de quem se abalança a altos voos se mostre transparente, sem jaças. É uma exigência que os que estão cá em baixo têm o dever e o direito de fazer. "Livrai-vos da aparência do mal", o avisado conselho de S. Paulo, está avalizado por todo um longo passado. Isto porque, embora os bons exemplos que vêm de cima, não sejam geralmente tidos em conta, os maus exemplos acabam, quase sempre, por ser logo aproveitados e transformados em fácil apoio às tentativas para relevar ou mesmo apagar culpas de actuações menos correctas.

Não há maneira de assistirmos a uma atenuação da crise que há anos aflige o nosso país, o que a torna por assim dizer um mal endémico, embora os optimistas persistam em ver uma luzinha no final da escuridão do túnel. Mas o que se pode dizer é que as medidas que há tempos se vêm promulgando não têm obtido resultado visível. Muito pelo contrário, são elas que dão lugar frequentemente a legítimos alarmes, quando o povo se defronta com as desagradáveis consequências da terapêutica, como acontece agora.

Voltando ao tema inicial destas considerações, direi que, se bem que todas as formas de corrupção mereçam ser condenadas com veemência, algumas há, contudo, que têm de ser liminarmente reprovadas. Não me confino aqui, para a formação do meu raciocínio, ao conceito de corrupção como o conjunto de acções que conduzem ao aviltamento da própria personalidade. Considero igualmente corruptas, como não podem deixar de ser, todas as práticas contrárias aos bons costumes, mesmo as que não respeitem a integridade física ou moral do próximo, como sejam as da autoria dos poderosos, ao calcarem aos pés os direitos daqueles que subjugam ao seu poder.

Todos estes pensamentos me assaltam agora, quando mais uma situação de crise, ou, melhor, quando a acentuação da crise vem dar lugar à promulgação doutras medidas de austeridade, com o lançamento de nova carga de impostos. Compreender-se-ia que um esforço desta natureza seria partilhado colectivamente por todos os portugueses e cuidadosamente ponderado, tendo em atenção a capacidade de cada um. Qual o quê? A nova carga fiscal é lançada tão indiscriminadamente que acabou por afectar sobremaneira os de mais fracos recursos!

Não se julgue, porém, que tal estado de coisas se origina numa maquiavélica conspiração contra os mais débeis. Mas a verdade é que aos poderes constituídos não escapou que a classe trabalhadora é aquela que menos meios tem de se furtar à colecta que lhe vai ser imposta. Uma decisão deste jaez atinge foros de escândalo quando é ponto assente que outras entidades há, de sólidas estruturas financeiras, que fogem sistematicamente à satisfação dos seus deveres perante o fisco, isto sem serem no mínimo molestadas. O caso ainda se torna mais grave quando são os próprios profissionais das finanças que afirmam peremptoriamente que, em Portugal, além dos trabalhadores por conta de outrem, só paga impostos quem quer!

O Governo assume-se assim como verdugo dos mais débeis e indefesos, prática corrupta das mais abjectas. O que é altamente prejudicial ao bem do país.

A opção de visar os mais fracos com novos sacrifícios fiscais, enquanto a eles são poupados os de situação económica desafogada, é uma medida que se revela potencialmente corruptora. Para isso, reúne os necessários condimentos, ainda que se reconheça não ser esse o objectivo deliberadamente perseguido.

Esta realidade dá azo a situações que envolvem desagradáveis consequências, como seja a do senso de desprotecção que se gera em especial nos estratos mais humildes da população, face ao estado soberano, dono e senhor de todas as coisas. Os que labutam em movimentos como o nosso, o qual tem como um dos objectivos a formação cívica da juventude, podem encontrar-se confrontados com situações de desmobilização ideológica por parte das camadas juvenis, visto a sociedade só lhes reservar sacrifícios, sem a contrapartida, por exemplo, de um acesso normal à escola e ao primeiro emprego, sensação agravada pela perspectiva de, mais tarde, se verem de novo lançados no desemprego, temeroso mal que o poder está olhando com surpreendente complacência e até desprendimento.

Sejamos sinceros: o panorama que hoje se oferece à juventude é muito desconsolador. Precavê-los contra situações que a levem à corrupção e, pelo contrário, oferecer-lhe um lugar condigno numa sociedade saneada é, além de um dever, um comportamento que envolve inegáveis vantagens.

Não foi por acaso que as grandes civilizações se desagregaram quando a corrupção lhes minou os alicerces.

UM NOVO LIVRO ESCOTISTA

continuação da pág. 5

livro surgira de um convite dos escoteiros do 2º Grupo para fazer algumas prelecções sobre a forma como se dirige um fogo de conselho. Também explicou os motivos da dedicatória ao escoteiro-chefe Capitolino Macedo, por ter sido este nosso companheiro que o iniciou nas fileiras do nosso movimento.

Aproveitou o momento para fazer a oferta do seu trabalho a alguns companheiros, bem como à Fraternal, à Associação dos Escoteiros de Portugal, ao "Sempre Pronto" e ao jornal "Alvorada".

Armando Inácio também rendeu louvores a Ernesto Clímaco de Nascimento e Amâncio Salgueiro Jr., bem como a Manuel Tacão Monteiro, que muito contribuíram para a valorização do fogo de conselho, quer especializando-se na sua condução, quer com os seus trabalhos literários e musicais e na colaboração oferecida, isto no caso de Tacão Monteiro, à preparação do livro.

Enquanto fez uso da palavra, Armando Inácio foi interrompido para a leitura de trechos elucidativos e de poesias incertas no "Fogo de Conselho", trabalho de que se desempenhou o escoteiro-chefe Miguel Martins, com a habitual proficiência.

Fizeram ainda uso da palavra Capitolino Macedo, Joel Ribeiro, Pena Ribeiro e Ernesto Clímaco, para felicitar o autor desta importante obra e referir passos da sua vida escotista.

A fanfarra e os escoteiros do 94 animaram a festa com a execução de várias canções e gritos escotistas, momento festivo em que também colaboraram o escoteiro Ricardo Coimbra, do Grupo 19, e o antigo escoteiro chileno Carlos Araya, com uma canção folclórica do seu país.

Este livro, que vem preencher uma lacuna que existia no Escotismo do nosso país, foi editado pelos Serviços de Divulgação do Grupo 94 e encontra-se à venda, ao preço de Esc. 280$, na Fraternal, no SMU e também no Grupo 94.

OS PORTUGUESES NO XXVI JAMBORI NO AR

UMA EXPERIÊNCIA VÁLIDA

Como já tivemos ocasião de afirmar, este Jambori no Ar confirmou-se com um êxito, no que diz respeito à participação dos escoteiros e guias portugueses. Como nos disse o Organizador Nacional, é de crer que, com os actuais efectivos das três associações, não seja possível uma participação de nível mais elevado que a deste ano.

Como corolário do trabalho dos nossos jovens, já não se pode dizer que os relatórios apresentados tenham um valor sequer aceitável. Na quase totalidade, são manifestamente pobres, o que nos faz perguntar o que terá sido feito dos autores de excelentes trabalhos que apareceram há alguns anos atrás e que *Sempre Pronto* mencionou já com a devida referência elogiosa.

Este ano, voltou a verificar-se um conjunto de trabalhos que pouco assunto oferecem para a elaboração destes comentários.

Vamos fazer os que nos são possíveis.

O Grupo 101, do Funchal, estreou-se nestas andanças, pois é uma unidade ainda novata. Porém, o seu trabalho, embora simples, já revela algum merecimento. Em especial, dá-nos meia dúzia de fotografias de boa qualidade, donde não é difícil inferir-se que o 101 tem vida e conta com um efectivo bastante numeroso e com boa apresentação. Conseguiram a boa colaboração de um radioamador, o sr. Carlos Assunção, que prometeu voltar para o ano. Várias avarias prejudicaram o funcionamento do posto. Mas o escoteiro sorri às dificuldades e, por isso, elas não obstaram à boa disposição de todos. Pois se até possuem uma "cassette" com uma gravação que testemunha *a grande alegria* por todos sentida!

Enfim, cá esperamos, para o ano, o 101 em toda a sua pujança.

Na Póvoa de Varzim ocorreu um acontecimento muito desgostante. Um dos responsáveis do Grupo 26 conseguiu que fosse montada uma estação no ginásio do Clube Desportivo da Póvoa, acontecimento a que foi dada larga publicidade nos jornais locais. Pois, ao contrário do que seria de esperar, não compareceu no local um único escoteiro ou guia! É realmente caso para pensar que, na Póvoa, os tempos não vão bons para o seu grupo de escoteiros. Com certeza que há qualquer coisa a emendar para que o 26 ganhe nova pedalada.



(Foto Justino Oliveira e Silva)

O Organizador Nacional visitando as estações.

O nosso companheiro Amaro João Pereira Barbosa, o *Lobo Matreiro*, esteve mais uma vez *em cima* do JOTA, em obediência à sua vocação, de que já surtiram bons proveitos para esta actividade, como por exemplo, muitos dos desenhos que a ilustram. Também desta vez este dirigente se mostrou muito activo, pois foi ele que esteve ao microfone do posto CT 5 JAM, que funcionou na Casa do Povo de Corroios (Seixal). Um radioamador brasileiro, que ocasionalmente se encontrava no nosso país, em face do entusiasmo deste nosso companheiro, não só pôs à sua disposição uma direccional de cinco elementos, como até fez oferta dela para ser utilizada em futuros JOTA'S. É assim. O entusiasmo é contagioso.

As Guias da 1ª Companhia de Guias de Olhão tiveram muita dificulade em arranja um radioamador disponível. Mas como quem porfia mata caça, os esforços foram recompensados com a montagem de uma antena, recentemente adquirida, que, com o concurso do posto CT 4 AY, entrou decididamente no JOTA, conseguindo resultados muito animadores. Uma das mensagens trocadas merece registo especial: *As pessoas, às vezes, sentem-se sós, porque constroem muros em vez de pontes...* Eis uma legenda digna de letras de ouro. Vamos fixá-la?

O Grupo 23, de Queluz, foi dos mais activos deste JOTA, pois esteve presente em cinco postos, distribuídos por localidades relativamente afastadas umas das outras: Carnaxide, Amadora, Queluz e Sabugo. É curioso notar que a antena de um dos seus postos foi improvisada com uma base quadrada magnética, uma espiral proveniente de uma máquina de lavar loiça, uma vareta de chapéu de chuva e quatro ferros de espetadas! O relatório deste Grupo está bem apresentado e possui algumas informações de interesse.

Os Grupos 8 e 36, de Lisboa, decidiram, mais uma vez, entender-se e trabalhar em conjunto. Contando com o concurso do radioamador sr. Luís da Silva Marques, as operações foram centradas em S. Pedro da Trafaria, em casa deste amigo dos escoteiros que, para não faltar à actividade, teve de se deslocar 300 Km! Os dois grupos de escoteiros efectuaram um acampamento no Parque de Escotismo da Caparica, que fica próximo da residência do radioamador, onde foram realizadas partidas de futebol de cinco, damas e xadrez, realizados concursos diversos, editado um jornal e passados alguns filmes, tudo isto para que este JOTA não se limitasse apenas ao estabelecimento de contactos pela rádio.

O radioamador sr. Marques está muito bem impressionado com os escoteiros,

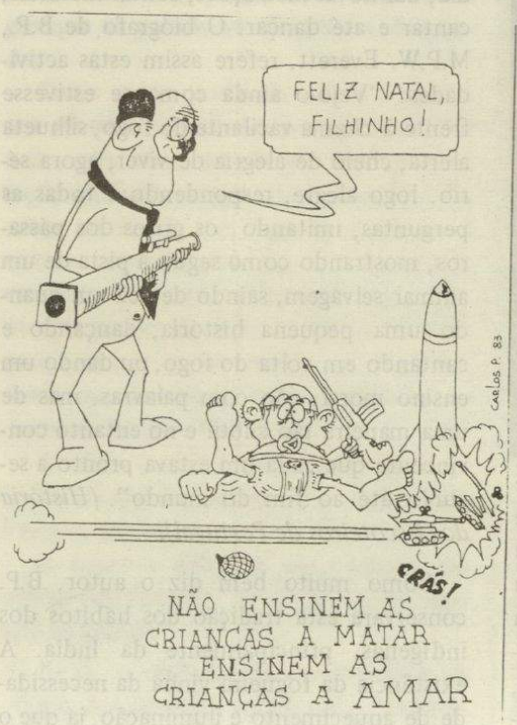
ESCOTEIROS SÃO CONTRA BRINQUEDOS "DE GUERRA"

O "Correio da Manhã" comentava assim uma interessante iniciativa do Clã do Grupo 94:

O horror da guerra e da violência continua a ser motivo de grave preocupação por parte de pessoas e grupos das mais variadas formações. Parece que nunca como hoje se sentiu tão perto a negra perspectiva de eclosão duma guerra, pois a potência das armas existentes é de tal ordem que uma guerra mundial representaria praticamente a extinção da Humanidade.

Enquanto isto, e apesar de todas as campanhas e movimentos desenvolvidos um pouco por toda a parte, ao chegarmos a esta quadra do Natal – que se apregoa ser de paz – continua-se a insistir em dar de prenda às crianças brinquedos representando toda a espécie de armas de guerra, como que a incutir-lhes o ânimo e o interesse pelo belicismo, pela destruição, pela morte, pela desagregação.

É tudo isto que leva o Grupo 94 dos Escoteiros de Portugal, da Ajuda, a elaborar e distribuir largamente um panfleto elaborado pelos seus "caminheiros", com que se pretende precisamente alertar contra esse perigo, em que inconscientemente se vão envolvendo as crianças.





Fac-símile de um folheto distribuído na zona da sua sede pelo Clã do grupo nº. 94 – Ajuda, Lisboa.

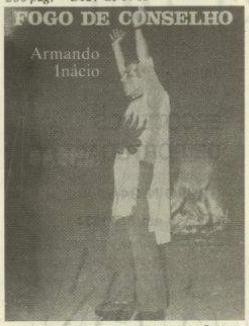
com quem colabora já há alguns anos e que considera pessoas de bem. Por isso, mostra-se disposto a colaborar com o nosso movimento em todas as ocasiões que lhe for possível e não só no campo das telecomunicações. Só lamenta que o JOTA não se desenvolva nos restantes dias do ano e até tem a opinião de que a ligação que existe entre o radioamadorismo e o escotismo pode ser levada mais avante. Como resumo da sua boa disposição a respeito do nosso movimento, declara que, não tendo tido a oportunidade de pertencer às nossas fileiras, gostaria que seus filhos pudessem vir a ser bons escoteiros, não só na verdadeira acepção da palavra, como também em toda a sua vida, em todas as suas realizações, no seu dia-a-dia.

Estão de parabéns os rapazes do 8 e do 36, por terem sido tão bons embaixadores do nosso movimento junto deste radioamador. Só este facto era suficiente para justificar a realização do XXVI Jamboree no Ar.



Autor: Armando Inácio
Edição: Serviços de Divulgação do Grupo nº 94, Lisboa, dos Escoteiros de Portugal
200 pág. – Dez.º de 1983

«FOGO DE CONSELHO»



Estão de parabéns o Grupo nº. 94 e Armando Inácio, antigo redactor deste mensário, ex-escoteiro-chefe e membro da sua actual direcção, pela feliz edição desta obra, que vem preencher uma lacuna da bibliografia escoteira nacional. É prefaciado por Ernesto Clímaco do Nascimento, outro antigo companheiro, também *especialista* e animador de fogos de conselho.

A introdução é constituída por apontamentos históricos, levando o leitor a fazer uma digressão por alguma literatura publicada sobre o tema. São citadas diversas actividades do género em que o autor tem participado. Há um pequeno lapso quando é dito que Amâncio Salgueiro fundou com Humberto Martins o Grupo nº 6, de Olhão. Nessa altura, em 1925, Salgueiro já vivia em Lisboa e quem fundou com Martins aquela unidade algarvia foi João Trigueiros.

Através da sua narrativa, o autor recorda-nos diversos fogos de conselho, especialmente aqueles que são contemporâneos da sua vida escotista, e faz a evocação de festas dedicadas a doentes, pessoas da terceira idade e presos da cadeia de Sintra, terminando com os programas que animaram fogos de conselho de um acampamento nacional em 1964.

No I Capítulo, o autor procura explicar o que é um fogo de conselho e tenta fazê-lo através de uma entrevista traduzida de um livro inglês, talvez o texto de menos interesse da obra. É uma maneira indirecta de dizer o que é um fogo de conselho. Talvez fosse preferível lembrar que a prática destes fogos é tão antiga como o Escotismo. Foi no acampamento experimental de Brownsea, em 1907, que B.P. realizou os primeiros fogos de conselho, reunindo-se em volta da fogueira com os rapazes para comentar a actividade do dia, dar novas instruções, contar histórias, cantar e até dançar. O biógrafo de B.P., M.P.W. Everett, refere assim estas actividades: "Vejo-o ainda como se estivesse frente à chama vacilante do fogo, silhueta alerta, cheio de alegria de viver, agora sério, logo alegre, respondendo a todas as perguntas, imitando os gritos dos pássaros, mostrando como seguir a pista de um animal selvagem, saindo de vez em quando uma pequena história, dançando e cantando em volta do fogo, ou dando um ensino moral, não com palavras, mas de uma maneira tão subtil e no entanto convincente que cada um estava pronto a segui-lo até ao fim do mundo". *(História dos Escoteiros de Portugal).*

Como muito bem diz o autor, B.P. conservara esta tradição dos hábitos dos indígenas, principalmente da Índia. A existência da fogueira vinha da necessidade de aquecimento e iluminação, já que o "fogo" é à noite. O fogo de conselho é o coroar de um dia de acampamento. É uma festa, um lugar de convívio e amizade.

O II Capítulo da obra tem o maior interesse. Explica como se desenvolve o "fogo", como se executa o programa. Em subsequentes capítulos descreve-se a actuação do animador e dos seus ajudantes. Com a explicação e definição dos tipos de fogueiras, recomendações acerca dos cuidados a observar para evitar incêndios, o autor deu à obra a dimensão de um manual de fogos de conselho muito útil à actividade dos grupos de escoteiros.

A obra encerra com uma selecta. Primeiro, peças e entreactos para fogos de conselho. Entre estes, fomos encontrar um despretensioso trabalho que escrevemos há uns 40 anos para as festas do grupo que então dirigíamos. Agradecemos a inclusão, que nos fez recordar as festas que tínhamos de promover regularmente na sede do '94" para reunir dinheiro para pagar a renda, embora tenha sido esquecido o nome do autor.

Armando Inácio continua, recolhendo diversas saudações, gritos e gestos de aplauso, que tanta animação e entusiasmo proporcionam às festas escoteiras. Muito útil esta bem completa colectânea.

Por fim, o autor insere uma colecção de 30 canções escoteiras de diversos autores portugueses e brasileiros, que, não sendo exaustiva, contém as mais conhecidas e apreciadas. Foi pena que não tivesse sido possível identificar todos os autores brasileiros. Seguem-se 23 canções consideradas pró-escotistas, muito bem escolhidas, e ainda outras 20 canções populares. São todas acompanhadas das respectivas músicas, o que muito valoriza a obra.

Mas, a páginas 33 do seu livro, em rodapé, o autor sai em defesa de Amâncio Salgueiro (sem dúvida um dirigente escoteiro que muito enriqueceu o cancioneiro escotista) porque na "História dos Escoteiros de Portugal" escrevemos que ele "idealizava umas cerimónias eivadas de *panteísmo e racismo*. Criara umas canções em que cantava a *raça*..." E comenta: "O Historiador poderá ter razões, que desconhecemos, para acusar Salgueiro de propor desvios à ética escotista da A.E.P., porém não encontramos lugar para os motivos apontados". E mais adiante: "Sabemos que o Ritual foi preparado entre 1925 e 1932, altura em que a A.E.P. se continuava a afirmar neutra em matéria política e religiosa (Estatutos de 1925), mas admitindo, como é óbvio, as crenças individuais ou colectivas. Apesar disto, o *panteísmo* de Salgueiro expressa-se assim em TODAS as cerimónias e, muito particularmente, na promessa de um Escoteiro, como podemos observar na canção *Zé Marau"*. (Transcreve a canção em que se fala no *Amor a Deus e à Pátria)*. E conclui: "Vê-se em Salgueiro, claramente, uma constante preocupação da exaltação a Deus e o mais elevado sentimento patriótico..."

Só nos interessam as ideias de Salgueiro como apontamento histórico. Quanto ao contágio de *racismo*, o autor de "Fogo de Conselho" fez bem em não ter incluído na sua selecta a "Canção da Raça", iniciada por estes dois versos: *Rapazes da nossa terra, cantai a raça, cantai a raça*, onde não encontramos nada semelhante ao elogio da raça (povo) feito por Camões.

Mas se não queremos discutir Salgueiro, já o mesmo não acontece com o que possa haver de reminiscência das suas ideias na obra de Armando Inácio. O autor do "Fogo de Conselho" fez confusão entre *panteísmo e ateísmo* e, tomado de admiração por Salgueiro, saiu em defesa do seu *teísmo*, que evidentemente não estava em causa. Desta sua incapacidade para compreender o que era *panteísmo*, e onde é que obra de Salgueiro estaria *eivada* dele, resvala sem se aperceber no mesmo defeito, embora muito mais atenuado.

Se o fogo de conselho é uma festa, um lugar alegre de convívio, não há nele qualquer lugar para *ritual*, quase sempre citado na presente obra com letra maiúscula. Ritual é aquilo que é próprio dos *ritos*, das cerimónias religiosas. O fogo de conselho não é cerimónia religiosa, nem sequer cerimónia, é festa.

Talvez devido aos excessos do referido ritual de Salgueiro, Ernesto Clímaco "já lhe tinha retirado os hinos do final", como informa o autor. Este também, por sua vez, considerou "que o final não estava adequado ao nosso tempo" e retirou-lhe a última cena. Fizeram bem, mas o que ficou ainda não está completamente isento daquele vício e é imperioso evitar que se sugira sequer a adoração do fogo e isso é que pode ser classificado de panteísmo. As cenas tão "pesadas" de escoteiros cobertos de lençóis brancos, empunhando archotes, terão grande efeito cénico, podem ser usadas eventualmente como espectáculo teatral, mas elevá-las imprudentemente à categoria de *Ritual*, com maiúscula, admitindo-se até que possa ser considerado "Ritual Associativo", é que nos parece extremamente perigoso.

Felizmente que esta ideia de ritual para o fogo de conselho não passa as nossas fronteiras, porque aplicado noutras latitudes seria coisa grave pela sua semelhança com outras praxes, essas sim bem *racistas*.

Mas se subsistirem dúvidas de que o tal *ritual*, cheio de *mística*, de que também se fala, está *eivado* de panteísmo, quer dizer contagiado, bastará ler a "Canção do Fogo", inserta na pág. 124 da obra em apreço, canção servida por uma bonita melodia, cuja letra, sendo a mais inocente, é nítida *adoração* do fogo. Reparai:

Ó chama alegre, brilhante, DIVINA.
Ó fogo ardente, puro, imaculado.
Livra a minh'alma de qualquer má sina,
Salva meu corpo de todo o pecado.

Ó fogo SAGRADO, brilhante, DIVINO.
Tu que és um hino de Paz e Amor.
Dá à minh'alma uma vida calma,
Dá-lhe a beleza dessa tua cor.
(...) (Os destacados são nossos).

Verifica-se nestes versos uma subtil *sacralização* do fogo, a que se dirige uma oração, talvez inocente, mas nem por isso menos explícita, já que se formulam rogos que só podem ser dirigidos à Divindade.

Dado que a perfeição não é acessível aos mortais, reconheçamos que, apesar de tudo, esta obra, servida por boa apresentação gráfica e capa a cores com foto do autor animando um fogo de conselho, é valiosa contribuição para a bibliografia escotista nacional, colocando nas mãos dos dirigentes escoteiros um útil manual para orientar os seus fogos de conselho, desde que lhe sejam feitas as reservas recomendadas pelo bom-senso.

A obra contém uma dedicatória ao nosso colega de trabalho E.C. Capitolino Ferreira Macedo.

O Autor e Editores são credores das nossas felicitações, que sinceramente lhes apresentamos.

N. da R. – Agradecemos o exemplar de "Fogo de Conselho" oferecido a "Sempre Pronto" com a seguinte simpática dedicatória: "Ao Mensário Sempre Pronto de tão gratas recordações e onde fiz boa aprendizagem do Movimento. Sempre Pronto (a) Armando Garcia Inácio. Bodas de Ouro do Grupo nº 94 10/12/83".

DOS AÇORES

O GRUPO Nº 96, DA LAGOA, PROMOVE CONVÍVIO

As unidades escoteiras não devem isolar-se das comunidades em que se integram. Assim entendeu o Grupo nº 96 dos Escoteiros de Portugal, com sede na vila de Lagoa, em São Miguel, que em Outubro passado, por ocasião das festividades da Senhora do Rosário, instalou um campo escotista junto ao edifício dos Correios e aí montou uma barraca com refrigerantes, bolos e petiscos, dando origem a um alegre convívio com famílias de escoteiros, populares e forasteiros.

Durante três noites consecutivas, os escoteiros realizaram no seu acampamento fogos de conselho que foram muito apreciados pelo numeroso público que ocorreu a presenciar a festa.

AS INUNDAÇÕES EM LISBOA

"ESCOTEIROS EM ACÇÃO"

O "Correio da Manhã", na sua secção "Correio dos Leitores", inseria em 28 de Novembro passado uma apreciação do sr. Silvestre Gomes Lopes, que transcrevemos para que os jovens escoteiros saibam que o seu esforço e abnegação foi reconhecido, embora não prestem serviço para receber louvores. Era a seguinte a referida apreciação:

Como assíduo leitor que sou do vosso jornal, apraz-me endereçar-lhes o meu reconhecido apreço pelo minucioso trabalho na reportagem da catástrofe que assolou Lisboa e arredores, na madrugada do dia 19.

Gostaria que o vosso jornal fizesse da espontânea e enternecedora missão com que os jovens escoteiros de vários agrupamentos da cintura de Lisboa e Loures, se debateram com o problema do seu semelhante, evacuando e limpando casas, desobstruindo estradas, retirando haveres dos escombros, tentando salvar o mais possível as escolas e outros edifícios, afagando crianças e idosos com palavras de conforto e carinho.

Parece-me que seria bastante positivo, que o nosso Governo – se ainda não o fez – endereçasse a outros organismos escotistas, não um louvor ou condecoração como vai sendo hábito no nosso país, por tudo e por nada, mas sim um voto de agradecimento pelo que os seus rapazes e raparigas fizeram com riscos da sua própria integridade. Para que servisse de incentivo e estímulo a esta pouca e boa juventude que ainda resta neste país degradado e cheio de delinquência. Relembrando a mensagem de "Baden-Powell": "Para que os jovens deixem o Mundo melhor do que o encontraram".

O GRUPO Nº 201 DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL, COM SEDE EM FRANÇA, AJUDA AS VÍTIMAS DAS INUNDAÇÕES

Este Grupo de Escoteiros, com sede em Saint Maur, na região de Paris, é constituído por filhos de emigrantes portugueses, sendo escoteiro-chefe João Nobre.

Rapazes e raparigas, membros desta unidade dos Escoteiros de Portugal, logo que tiveram conhecimento da calamidade causada pelas inundações na região de Lisboa, fizeram uma subscrição a favor das vítimas das inundações, tendo recolhido Esc. – 26 858$00, de que fizeram remessa ao Escoteiro-Chefe Nacional para ser entregue aos Serviços de Protecção Civil, o que já foi feito.

Parabéns aos jovens do Grupo nº. 201!

"SEMPRE PRONTO"

Por avaria na máquina de impressão, este número de "Sempre Pronto" sai com duas semanas de atraso, do que pedimos desculpa aos nossos estimados Leitores.

o O o

CONFERÊNCIA NACIONAL DA AEP

GRUPOS REPRESENTADOS

O Grupo nº 95, com sede em Sampaio, Sesimbra, esteve representado na Conferência pelo E.C. Joaquim Santana Nunes, corringindo assim o registo feito no último número. Pedimos desculpa do lapso.

DE MÊS PARA MÊS



ESPÍRITO DE MISSÃO

Baden-Powell, na sua última mensagem, recomendava: *Procurai deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrastes*. A nossa influência no mundo em geral nunca poderá ser muito grande. Mas "mundo" é tudo que nos envolve. A nossa família, a nossa escola, o nosso local de trabalho, tudo isto é mundo. O Escotismo também pertence ao nosso MUNDO. Porque nos envolvemos neste Movimento, devemos aplicar aqui a recomendação de B.-P., deixar ficar a nossa patrulha, o nosso grupo, a nossa associação, *um pouco melhor do que os encontrámos*.

Esta recomendação dá à nossa actividade um espírito de missão. Estamos no Escotismo para servir com a preocupação de exercer uma acção para que o Movimento seja cada vez melhor, para que, quando *deixarmos este mundo*, o mundo que nos envolve esteja melhor do que o encontrámos.

Esta é a missão do Escoteiro. Um propósito digno de um Ano Novo e de uma nova fase de acção dos Escoteiros de Portugal.

EFEMÉRIDES

JANEIRO

Dia 1 – 39º aniversário da fundação de "Sempre Pronto".
Dia 6 – 50º aniversário do Grupo nº 91 – Gaia.
Dia 8 – 43º aniversário do falecimento de B.-P.
Dia 17 – 59º aniversário do Grupo nº 6 – Olhão.
Dia 27 – 13º aniversário do Grupo nº 28 – Moura.
10º aniversário do Grupo nº 34 – Quiaios.



CUMPRIMENTOS DE BOAS FESTAS

Tiveram a gentileza de endereçar o seu cartão de boas festas a "Sempre Pronto" os seguintes estimados amigos: Direcção Regional do Norte, da AEP; Grupos de Escoteiros de Portugal nºs 4 e 17, do Porto; 28, de Moura; 53, de Real, Braga; 80, de Ponta Delgada; 86, de Chaves, e 30, da Figueira da Foz. Srs. António Luís Guerreiro, José Sá e José Luís Pinto Machado, do Porto; João Rocha, Joaquim A. Garrett Lourenço e Joaquim Tavares de Oliveira, de Lisboa; Jorge Magalhães, do Cartaxo; Prof. Leopoldino Tavares, de Angra do Heroísmo; Carlos Nunes Pires, de Barcelos; José Ferreira Fernandes, de Vila das Aves; António de Jesus Brito, de Olhão; Tenente Manuel Canhão Fernandes, de Coimbra; Enrique Genovés, de Madrid; Sebastião G. Silva, dos Estados Unidos; José Nelson Teixeira de Vasconcelos e José Diniz Camacho, do Funchal; José Moreira Morais Pelouro, de Sorocaba e Carlos A. Nascimento, de Aracaju, ambos do Brasil. Grupo nº 103, de Portalegre.

Também nos visitaram com o mesmo fim, os dedicados companheiros António Francisco Xavier de Brito, António Viegas Custódio e Amílcar Pinto.

Agradecemos reconhecidamente, formulando votos muito sinceros para que o Ano Novo a todos proporcione muita Paz e saúde.

1º ANIVERSÁRIO DO GRUPO Nº 59 – TAVIRA

Esta florescente unidade dos Escoteiros de Portugal reiniciou a sua actividade em 5 de Dezembro de 1982 com o compromisso de honra de novos escoteiros.

Para assinalar o primeiro aniversário, em 18 de Dezembro passado realizou-se uma festa comemorativa, que coincidiu com a festa de Natal, feita em conjunto com a 1ª Companhia de Guias de Portugal, também com sede em Tavira. Prestaram promessa quatro novos lobitos e novos escoteiros. Foi também investido subchefe do grupo o caminheiro Eleutério da Conceição.

Estiveram presentes a este acto o vereador do Pelouro da Cultura e Desporto do Município local, o rev. padre Rosa, Bandeira Rodrigues, chefe regional; uma representação do Grupo nº 84, do Entroncamento, acompanhada pelo seu escoteiro-chefe.

Foram entregues estrelas de serviço aos escoteiros que completaram um ano e insígnias de segunda classe a três escoteiros.

O E. C. Regional colocou na bandeira do "59" a estrela do primeiro ano de serviço.

Antes desta cerimónia, os escoteiros assistiram a uma missa em memória dos membros do grupo já falecidos.

A festa foi encerrada com um almoço de convívio, em que participaram todos os elementos presentes, escoteiros e seus familiares – *E. C. Conceição.*

★

ANTIGOS ESCOTEIROS

A VISITA DOS ANTIGOS DE ESPANHA

Por lapso da nossa reportagem, não foi dito que a Delegação do Norte da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal só não se fez representar na recepção aos nossos campanheiros de Espanha em virtude da notícia da visita ter sido conhecida muito em cima da data, mas enviou um telegrama, que, lido durante o jantar, foi acolhido com aplausos dos visitantes e dos restantes convivas.

★

ALBERTO NEUVY

Chega-nos a notícia do falecimento do nosso estimado assinante sr. Alberto Neuvy, que residia no Dafundo, e que desde 1954 era leitor fiel do nosso jornal.

Apresentamos sentidos pêsamos a sua família.